

MACHADO DE ASSIS: UM CRONISTA DE QUATRO DÉCADAS

Sonia Brayner
(UFRJ)

Quando Machado de Assis, em 1859, começa a escrever suas "Aquarelas" em *O espelho*: revista de literatura, modas, indústria e arte, o espaço do folhetim, inaugurado na França, em 1836, por Girardin, no *La Presse* e logo copiado pelo *Le Siècle*, já completava plena maioridade e sucesso.

Machado, nascido em 1839, portanto, na década da novidade, começa com seus vinte anos a longa trajetória de folhetinista. Até 1900, aproximadamente, estará ele, onipresente, com poesias, contos, crônicas, romances, a ocupar aquele "respirador artificial" do jornal, colocado meio a tanta matéria política, pesada, mal distribuída, disposta em colunas de ínfima entrelinha e letra miúda. O resto do espaço era consumido por notícias comerciais, anúncios, a pedidos. Caso fugisse do jornal comercial, os mais duradouros, havia a possibilidade do riso das folhas humorísticas, dos bordados e culinária dos jornais femininos ou alguma colaboração em um periódico literário e de pouca duração.

Durante quarenta anos, desde a década de 1860, escreveu crônicas: por ordem cronológica, no *Diário do Rio de Janeiro* e mais tarde na *Semana Ilustrada* (1860-75), em *O Futuro*

(1862), na *Ilustração Brasileira* (1876-78), em *O Cruzeiro* (1878) e, a partir de 1883 até 1897, na *Gazeta de Notícias*, inscritas sob vários títulos — “Balas de estalo” (Lélio), “A + B” (João das Regras), “Gazeta de Holanda” (Malvólio), “Bons dias” (Boas noites) até a sua mais perfeita e final feição de cronista em “A semana”, sem assinatura, entre 1892 e 97. Ao interromper a colaboração com uma despedida aos leitores, o jornal confia sua crônica dominical a Olavo Bilac, colega de fundação da Academia, a quem estimava. Este era uma momento particularmente violento na nova ordem republicana e não terá, a não ser muito esporadicamente, o olhar crítico do cronista machadiano posto sobre o dia-a-dia da capital da República, ex-império.

Nesse trânsito por jornais da mais variada tonalidade, Machado excedeu-se no uso constante de pseudônimos, uma das características do jornalismo da época. Foi Lara, Lélio, Malvólio, Job, Eleazar, Sileno, entre outros, e também dividiu o famoso Dr. Semana das “Badaladas” na *Semana Ilustrada* de Henrique Fleiuss com outros colegas de humor e verve folhetinista.

Em *O Espelho*, de Eleutério de Sousa, começou com a “Revista de teatro”, ou seja, a crítica teatral, atividade que sempre o empolgou. É sua primeira colaboração fixa. Aproveita e escreve também uma série de artigos, joco-sérios, as “Aquarelas”, retratos afrancesados de tipos que foi buscar no quadro das relações sociais da incipiente cidade do Rio de Janeiro. São eles “o fanqueiro literário”, “o parasita”, “o empregado público aposentado” e “o folhetinista”.

Nesta crônica de 30 de outubro de 1859, dedicada ao folhetim, escreve sobre as possibilidades que descobre no seu texto:

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do inútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado

com o frívolo. Esses dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.¹

Esse consórcio entre a literatura e o jornal já lhe servira de assunto para matéria publicada em janeiro de 1859 no *Correio Mercantil* sob o título “O jornal e o livro”: ao jornalista toca a “luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda”; para o folhetinista fica o “devaneio”, a “levianidade”.

Duas imagens vão traduzir para esse jovem Machado o ritmo fragmentado e superficial do novo gênero: o folhetinista será um “colibri” pela rapidez, leveza e qualidade especial de dominar os assuntos sem esgotar sua “seiva”. A outra imagem é a do “confeito literário sem horizontes vastos” que define bem a sua técnica de degustação agradável e amena.

Na curta colaboração para o *Jornal da Tarde*, em fins de 1869, sob o pseudônimo byroniano de Lara, volta a reassegurar a concepção desse “novo animal” como se desconfiasse da percepção do leitor. Dessa vez nem pássaro nem confeito e sim saltimbanco traduz sua visão textual:

O folhetim é o anão do circo Chiarini; enquanto os vários artistas executam os mais difíceis saltos, o anão deve apenas divertir a platéia dizendo o que lhe vem à cabeça.

O folhetim é filho do acaso e da fantasia. Sua musa é o capricho, seu programa a inspiração. Não repararam no teor e desenvolvimento de uma conversa sem assunto? Fala-se de um chapéu que passa; vêm à idéia as fábricas de Paris; segue-se uma discussão sobre Offenbach, entre em cena a Alemanha; ocorre falar de Goethe e de literatura; até cair na Angelina ou Dois acasos felizes, obra do Sr. Azurara, pró-

*Jessor em Guaratiba. Ora, aí têm como de um chá-péu se chega a um romance, passando pela Alemanha com música de Offenbach. É o folhetim.*²

Em sua primeira colaboração em *O Futuro*, periódico literário que conseguiu sobreviver 20 números, adverte sua "pena de cronista", a 15 de setembro de 1862:

*Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve, amiga minha, alguns conselhos de quem te preza e não te quer ver enxovalhada. Não te envolvas em polémicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretensiosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato de idéias é muito pior que o das ruas; tu és franzina, retrai-te na luta e fecha-te no círculo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever crônicas. Sê entusiasta para o gênio, cordial para o talento, desdenhosa para a nulidade, justiceira sempre, tudo isso com aquelas meias-lintas tão necessárias aos mehores feitos da pintura. Comenta os fatos com reserva, louva ou censura, como te ditar a consciência, sem cair na exageração dos extremos. E assim viverás honrada e feliz.*³

Eis aí um completo programa para a sobrevivência na selva da cidade, contendo formas de convivência, boas intenções e o famoso "tédio à controvérsia", mais tarde marca registrada do Conselheiro Aires (*Esau e Jacó*).

O folhetinista novato vai testar seus recursos de linguagem nessa faina constante, aprendendo a difícil arte de controlar um leitor de atenção arisca, a organizar transições con-

tínuas entre assuntos díspares, a ser inteligente e sagaz sem aborrecer por impertinência.

A própria disposição gráfica e extensão da crônica machadiana sofreram constantes modificações ao gosto do autor e do editor. Nem sempre as transições eram demarcadas espacialmente, com intervalo gráfico; muitas vezes, o texto compacto solicitava a voz autoral a comandar o espetáculo, bem teatralmente:

*Completem os leitores mentalmente as muitas páginas que eu podia escrever neste assunto e a propósito da última ascensão [do balonista inglês Wells, então no Rio de Janeiro]. A conquista do ar! Quem é que não se sente tomar de entusiasmo ante esta nova aplicação dos conhecimentos humanos? Enquanto os leitores deixam assim correr a imaginação pelo ar, o folhetinista atravessa os mares e vai ver em longes terras da Europa um poeta e um livro.*⁴

Houve momento em que Machado resolveu ser folhetinista em verso e enveredou pela novidade sem grandes problemas. Sua "Gazeta de Holanda", na *Gazeta de Notícias*, viveu de 1.º de novembro de 1886 a 24 de fevereiro de 1888, com 48 crônicas em quadras. Os folhetins rimados estavam então em moda, como os de *O País*, escritos por Augusto Fábregas, e os do *Jornal do Comércio*, por Oscar Pederneiros. A *Gazeta de Notícias* resolveu suprir essa lacuna e, provavelmente, Ferreira de Araújo sugeriu a Machado a idéia, mais tarde substituída pelas crônicas em prosa "Bons dias", às vésperas da Abolição (5 de abril de 1888).

Desde o início delinçiam-se com clareza seus caminhos narrativos favoritos, em que pese ainda um certo ar de fórmula geral. Interessasse-se, particularmente, pela apreensão do fato

cotidiano, desimportante enquanto ação, mas capaz de gerar um conteúdo pitoresco, humano e urbano das relações sociais do Rio de Janeiro do final do século, vistos com olhos contrários do humor benévolo, zombeteiro mesmo. Hábíl em soldar tipos de experiências diversas, recorre a um discurso coloquial, mas culto, aberto às mutações associativas — o colibri... o anão... — cultivando seus queridos “despropósitos”. Nesse momento o historiador da cidade torna-se o ficcionista da trama das relações semânticas e sintáticas. Não esqueçamos de acrescentar aos ingredientes muito comentário político sobre conciliações, afastamentos, subidas e quedas de ministérios, saquaremas e luzias em abundância, mudança de regime governamental, tudo com o mesmo ar “brincão” e cético que soube imprimir ao folhetim.

Do historiador tentou copiar os procedimentos de controle do conteúdo da informação, embora trabalhe em cima do próprio acontecimento; mas essa é uma cláusula importante do contrato de leitura que estabelece com o leitor. Entretanto, a fantasia da ficção se instala, provocando a ambigüidade própria da narrativa testemunhal, cuja subjetividade acaba por diminuir a instância da enunciação.

Partindo sempre da matéria viva das situações urbanas, é um narrador estimulante, capaz de avaliá-las em risonha e intencional distância, não se submetendo às opiniões do momento para provocar um presente impregnado de oralidade e relatividade, mas vislumbrando um consenso no universo das escolhas. Em uma crônica de 10 de julho de 1892, ratificará seu princípio básico de “ver correr o tempo e as coisas”: “os fatos, eu é que os hei de declarar transcendentés; os homens, eu é que os hei de aclamar extraordinários.”

As crônicas fazem passar de forma sutil e imprevisível suas afirmações sobre os fatos na forma fácil do diálogo com um leitor imaginário que se instala dentro do texto, ou, até mesmo, teatralmente, na estrutura dialogal de sua organização. A

série “A + B”, toda em diálogo, não é a primeira experiência desse tipo no percurso machadiano.

A *relativização textual* é um princípio heurístico nas crônicas de nosso autor. Ela irá contaminar, gradativamente, a partir dos anos 70, o campo do conto e do romance, permitindo-lhe descobertas e empregos de formas e tonalidades de ampla extensão e expressividade. A aparente desordem do folhetimista transforma-se em estratégia narrativa, centrada em um narrador auto-referente, narcisista, que intervém com frequência para se comentar enquanto agente do ato de escrever, acenando para a modulação de seu momento literário.

Ao tornar relativa toda exterioridade, comportamentos e, gradativamente, a própria esfera do humano, coloca na berlinda o preestabelecido, a permanência inquestionável dos conceitos e valores. “Ora, cada um ri com a boca que tem” (“A semana”, 26.02.1983) poderia ser uma epígrafe para esse nível cronista urbano, para quem o liberalismo está desacreditado, as guerras no Oriente ou no Ocidente, o telégrafo, o cabo submarino, as sessões no Lírico ou a abertura das Câmaras podem juntar-se e conversar entre si sob o olhar meio risonho e, às vezes, escarninho, daquele cidadão do mundo das Letras.

Machado recolhe as notícias dispersas e, como em um “panorama visual” em moda na segunda metade do século, dá-lhes um enquadramento de significação. O narrador embuçado em um pseudônimo, espécie de jogo ficcional com o leitor, procura sobrepor o enunciado literário ao dado empírico, *desqualificando* a transparência da simples notícia. Será uma luta travada para dominar o puro factual do jornalismo em um momento importante da formação do campo específico do intelectual brasileiro. Nas suas crônicas de “A semana”, sai do pseudônimo, evita o nome, cai no anonimato daqueles que não precisam mais assinar para serem reconhecidos. Ele é o seu estilo.

[A obra machadiana de muito se beneficiou desse texto *transicional* (Jakobson) que é a crônica, pois valeu-se dela como campo de provas para toda a espécie de experimentação dos limites do narrar. Dentro desse mosaico da historicidade, o leitor e o autor são capazes de reescrever, graças aos ardis do texto e de seus novos ritmos, aquela oralidade aparentemente condenada às conversas de confeitaria, esquinas, saraus, teatros. E os assuntos "nobres" — política, administração do Império, fatos internacionais — democratizam-se, agora redistribuídos pela voz do cronista desatento às hierarquias sociais. Ou melhor, reagrupando-as para uma nova leitura, relacional, contrastante e fora da norma prescrita. É uma escrita da socialidade em que ele supervaloriza as ligações de reciprocidade provocadas no texto, nessa transição da cultura brasileira oitocentista de uma técnica oral para uma técnica escrita que o jornal, naquele momento, desencadeia com ansiedade.

Entretanto, Machado tem uma noção clara do alcance desse esforço com relação à população letrada do Império. Na crônica de 15 de agosto de 1876 ("História de quinze dias"), Manassés comenta o problema, relacionando-o com as escolhas pelo voto do cidadão:

E por falar neste animal [o burro], publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabem ler. (...) A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% fazem em profundeza ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles. Queles: é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% de cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por quê nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, — por divertimento.

(...) *Proporho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: "consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação"; mas — "consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%". A opinião pública é uma metáfora sem base; há só a opinião dos 30%.*⁵

A crônica machadiana está sobrecarregada de sua instrumentação retórica, um verdadeiro caleidoscópio metatextual no qual expõe, deliberadamente, sua cultura literária. Afinal, o folhetinista é um artista da linguagem, ainda que ... anão, como já escrevera. Esse visão ativa da escrita opera as diferenças e faz propaganda de si mesma, lançando mão da multiplicidade de estilos percebidos nas normas literárias em vigência. Adjetivação insólita, deslocação de predicados, citações eruditas, metáforas ousadas e coloridas de ironia, formas paradoxais e paródias dos mais diversos tipos vão estimular a difícil tarefa de comentar a trêfega humanidade em versão carioca.

A partir dos anos 80, época de sua longa colaboração na *Gazeta de Notícias*, Machado já não se excede no tom galhofeiro e faceto da mocidade, até o final dos anos 70. Continua em sua técnica do comentário ambivalente, volúvel mas sem exagerar nas associações paradoxais, ganhando a crônica mais tempo para o leitor perceber o assunto e suas conexões. É em "A semana" que terá sua melhor forma e tonalidade, dono de uma invejável capacidade para trabalhar, em cima do efêmero e transitório, a sua modernidade no ocaso do século. Os anos 80 e 90 encontraram sua política comentada por um observador sem partido mas hábil na arte de captar a interação de idéias e atos da época, transformando em imagens-matrizes o grande relacionamento de vozes estridentes e reivindicatórias vindas de diversos setores da sociedade brasileira.

Através do diálogo com o seu tempo — forjou para se esconder a figura do relojoeiro Policarpo em "Bons dias" —

auscultou os principais conceitos em voga, oficiais ou não, questionou os novos nascimentos, os embriões futuros, avaliando-lhes a capacidade de sobrevivência e desenvolvimento. A crônica, fruto da evolução das formas literárias no século XIX, é bem representativa dessa passagem para a modernidade: é um fragmento sem aura, de impossível distanciamento e singularidade.

Na obra machadiana a crônica não é um *texto-ponte* para os outros, os "maiores". É a solda capaz de unir uma produção literária de mais de quarenta anos. Qualquer estudo sobre sua obra passará, necessariamente, por esse exercício cotidiano de tornar o heterogêneo da historicidade cúmplice pela mediação da arte.

IN: CÂNDIDO, Antônio (Org.). "A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil". Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pag 407-417.

NOTAS

¹ ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962, vol. 3, p. 958.

² Apud MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, INL, 1981, vol. 2, p. 60. Crônica de 20-12-69.

³ ASSIS, Machado de. *Crônicas — 1861-65*. São Paulo, Mérito, 1962, vol. 22, pp. 299-300.

⁴ Idem. *Crônicas — 1854-67*. São Paulo, Mérito, 1962. vol. 23, p. 191. Crônica de 17-10-64.

⁵ Idem. *Crônicas — 1871-78*. São Paulo, Mérito, 1962. vol. 24, p. 107.